

PDS recebe ultimato no Senado

PMDB dá prazo para Aloysio Chaves dizer se aceita acordo

GILBERTO ALVES



A Frente reuniu maior número de políticos para a visita a Tancredo

— Se é assim, vamos bater chapa — foi o desabafo do senador Luís Viana Filho, candidato do PDS a presidente do Senado, diante da posição, que qualificou de intransigente, do PMDB e da Frente Liberal “em não reconhecer a nossa condição de partido majoritário no Senado e, portanto, com o direito de indicar o futuro presidente da Mesa”.

O líder do PMDB, Humberto Lucena, deu um ultimato ao líder do PDS no Senado, no encontro realizado na manhã de ontem. Aloysio Chaves tem prazo de 24 horas, que se esgota às 11 horas da manhã de hoje, para dizer se seu partido aceita ou não a proposta da Aliança Democrática (PMDB e Frente Liberal): segunda vice-presidência, primeira e segunda secretarias, além de uma suplência.

PRAZO EXIGUO

O senador Aloysio Chaves recusou-se a interpretar o prazo como ultimato mas, sim, como apelo do líder Humberto Lucena para que lhe dê uma resposta até às 11 horas de hoje. Considera o prazo exíguo, sendo difícil atender ao apelo do líder do PMDB no Senado, lembrando que, até o final da tarde de ontem, havia entrado em contacto com apenas seis senadores.

— É impossível entrar em contacto com 30 senadores e, ainda mais, pelo telefone, quando uma coisa séria dessa exigiria uma reunião da nossa bancada — respondeu Aloysio Chaves, enquanto o senador Carlos Chiarelli e os líderes do PMDB interpretam sua tendência em dar resposta “só após o carnaval” como um estratagemma.

— Ora, eles têm candidato em campanha, o Luís Viana já está correndo os gabinetes e nós não sabemos qual será nosso candidato. Eles estão querendo ganhar tempo e nós não somos crianças — dizia, ontem, o senador Pedro Simon.

Chaves reafirmava que há um fato inquestionável no PDS: a bancada do partido, sem divergência, já indicou o senador Luís Viana Filho como candidato do partido a presidente do Senado.

— Como líder, não posso ignorar isso. Seria trair a confiança dos meus companheiros — dizia Chaves, ontem, em seu gabinete, lembrando que o PDS não dese-

ja criar dificuldades ao novo Presidente da República, tem consciência de seus deveres com o aperfeiçoamento institucional, mas não pode aceitar essa preterição.

Disse que o senador Luís Viana Filho reúne todas as condições para ser presidente do Senado e que seu partido não está disposto a abrir mão do que considera um direito. “Se lutamos, até recentemente, pela devolução das prerrogativas ao Poder Legislativo, não podemos abrir mão do direito e da liberdade das duas Casas de escolherem seus dirigentes”, disse Chaves.

— Nos tempos da Arena e do PDS era o Palácio do Planalto quem escolhia os presidentes da Câmara e do Senado... — atalhou o repórter.

— Mas, agora estamos em processo de democratização. Além disso, na escolha de Flávio Marçílio e Nilo Coelho, para presidentes da Câmara e do Senado, o presidente Figueiredo não interveio em honra da abertura — respondeu o líder do PDS.

Como alguém lembresse que o PDS arrisca-se a não ter representação na Mesa do Senado, se perder, como se espera, Aloysio Chaves lembrou frase do senador Amaral Peixoto, para quem “ninguém apanha calado”. De sua parte, o senador Luís Viana Filho, candidato do PDS, dizia que, se não houver outro jeito, “vamos bater chapa”.

Tanto Amaral quanto Luís Viana e Aloysio Chaves lembravam que a exclusão do Partido da Mesa o levará para a obstrução parlamentar e se criará um clima de radicalização no início do novo governo.

— Lembrem-se de que apenas um senador, o Dirceu Cardoso, parou o Senado com obstrução. Teremos, pelo menos, mais de vinte senadores para repetir esse trabalho demolidor do Dirceu — advertia o senador Aloysio Chaves.

Até ontem à noite, não parecia haver clima para qualquer reconciliação entre os dois lados. O senador Pedro Simon, 1º vice-presidente do PMDB, indagava qual a democracia onde a minoria comanda e governa.

— Eles têm que assumir a consciência de que já não são maioria e já não têm o Governo. E não são maioria no Senado e nem na Câmara — repetiu Simon.